

O PALÁCIO DAS LÁGRIMAS

PENHA DE CASTRO

“Pai, por que chamam este prédio de “Palácio das lágrimas?”

Estávamos na esquina da Rua da paz com a Rua treze de maio, em frente ao casarão antigo, que fica defronte a Igreja São João, onde hoje funciona a Faculdade de Odontologia, que é conhecido por esse nome devidos as diversas histórias que contam sobre este sobrado.

Havia chuviscado um pouco, então me aproveitei para ilustrar a situação e encher a cabeça de meu filho de fantasias. Fomos até a escadaria da entrada do prédio e mostrei para ele as gotículas espalhadas pelos degraus.

“Vê isso aqui? São lagrimas, lagrimas que nunca secam.”

Ele me olhou com desconfiança.

“É sério, isso faz parte de uma maldição.”-complementei.

Meu filho, que adora ouvir histórias, principalmente quando sou eu que as conto, fingiu acreditar e mostrou logo interesse.

“Uma maldição, adoro história assombradas.”

Comecei então pela história mais adocicada que conhecia, só para ver a reação dele.

“Bom, era uma vez, uma menina que morava neste casarão, filha de um rico fidalgo que se apaixonou por um de seus jovens escravos. Quando o pai soube lhe deu uma surra daquelas e proibiu o namoro. A menina sentou bem aqui nesses degraus e chorou por horas. Quando pai a chamou para entrar, ela lançou a maldição: ‘Meu amor vai viver para sempre, e enquanto ele viver estas lágrimas não secarão.’ Então ela continuou sentada, no mesmo lugar, dias e noites, sem dormir e sem comer, até que morreu. Fim!!!

“Pô, pai!!! isso não tem nada de assombrado, parece história de princesa...mostrou decepção. Achei graça.

“Tá bom, vou te contar uma outra história, talvez desta tu gostes mais...

“Só quero é vê!!!”- me desafiou.

“Então aí vai. O dono dessa casa possuía um monte de escravos, dentre eles havia uma escrava muito jovem e muito bonita, que atraía os olhares de todos e despertava fortes paixões. Um outro escravo se apaixonou por ela mas está rejeitou o seu amor.

Inconformado e cheio de ciúmes, o apaixonado bolou um terrível plano de vingança: colocou veneno nas refeições que foram servidas aos filhos do fidalgo e deixou o frasco escondido debaixo do travesseiro da bela escrava. Assim que o frasco foi encontrado, a pobre foi acusada pelos assassinatos e condenada a forca. Jurou inocência e de nada adiantou. Enquanto era arrastada para fora do casarão, pediu piedade aos orixás de seu povo e rogou uma praga ao descer em prantos pela escadaria: “Pelo tempo em que não for descoberto o verdadeiro culpado, estas lágrimas jamais secarão’.Fim”

“Ah!, essa até que foi melhorzinha, mas nem um pouco assustadora!!!”

“Tu quer ficar sem dormir essa noite? Então tá! Saiba que aí dentro se houve gemidos e gritos horrorosos de pavor, tanto faz se for de dia e ou de noite (senti minha própria ironia, afinal estávamos em frente ao prédio da faculdade de odontologia, onde os alunos tinha aulas práticas com cobaias voluntários, e de fato se ouviam mesmo os tais gemidos e gritos, não de terror, mas de dor mesmo). Vamos lá, entremos, vasculhamos todos os cômodos e se tiver algum fantasma de plantão agora, pode ser que ele mesmo te conte uma história bem mais assustadora..”-falei fingindo seriedade.

Ele riu, mais achou melhor não arriscar.

“E fantasma lá sabe contar história, eles só querem assustar a gente!!! Não tem outra que seja assustadora de verdade?”

Tinha sim. Mas essa, eu estava guardando para o final.

“Olha, aqui já funcionou a “Escola Modelo”, os alunos ficavam apavorados quando era semana de provas...”

“Que Chaaaato!!!”- protestou.

“Escuta essa: aqui já morou um português chamado Jerônimo de Pádua, ele e o irmão vieram para o Brasil para fazer fortuna. Enquanto ele enriquecia com o tráfico negreiro e outras atividades, o irmão não obteve sucesso e continuou pobre. Jerônimo tinha como amante uma de suas escravas e com ela teve vários filhos. Sabendo que os seus sobrinhos

não seriam pela considerados herdeiros do pai, pela condição de escravo que possuíam, o irmão de Jerônimo tramou a sua morte para herdar sozinho sua fortuna. Após o crime, herdou, não só a fortuna, como também como propriedade a mulher do Jerônimo e os sobrinhos que passaram a ser seus escravos. O tio usurpador impunha maus tratos exagerado a família do irmão falecido. Porém, um dos sobrinhos descobriu a verdade e, indignado, arremessou o crápula por uma destas janelas e este morreu instantaneamente. O sobrinho foi condenado a morte e enforcado em frente ao sobrado, dizem que ainda se vê o espírito dele pendurado naquela árvore ali- apontei.- momentos antes de sua morte lançou a maldição sobre o prédio: ““Muitas lágrimas forma derramadas nessa casa por mim e pela minha família e elas jamais secarão e por toda eternidade, esse sobrado será conhecido como palácio das lágrimas.”

“Legal, dessa aí eu gostei, mas posso fazer uma pergunta?”

Uma pergunta, quando se está contando uma história para uma criança é algo muito delicado e elas sempre vão aparecer, faz parte do processo, então...

“Pode sim.”

“Pai, essa maldição só acontece nos dias de chuva?”

Para perguntas óbvias tenha sempre na mão uma resposta abstrata:

“Meu filho, esta ilha é cheia de mistérios...”

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-palacio-das-lagrimas>